

## **O VESTIBULAR É ASSIMI!: ANÁLISE DISCURSIVA EM PROPAGANDAS DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES NA CIDADE DE ARARAQUARA (2013)**

Carlos Eduardo da Silva Ferreira<sup>1</sup>

A violência pode ser justificada, mas nunca será legítima. O poder sim.

A burocracia é a forma de governo na qual todas as pessoas estão privadas da liberdade política, do poder de agir, pois o domínio de ninguém não é um não domínio, e, onde todos são igualmente impotentes, temos uma tirania sem tirano.

Hannah Arendt, em *Sobre a violência*

**RESUMO:** Resultado de reflexões da disciplina *Discurso e violência* coordenada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marina Célia Mendonça do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp-Araraquara em 2013, apresento este texto, que toma forma de artigo, em que abordo temas relacionados a discussões sobre questões de *sujeito, práticas de violência e sistema escolar* dentro dos estudos teóricos da Análise do Discurso. Minha proposta é analisar histórico e politicamente discursos na relação entre valores ideológicos e práticas educacionais em Cursinhos. Para tal, traço, num movimento dialógico-dialético, uma linha de discussão baseada em seis cursinhos pré-vestibulares da cidade de Araraquara-SP analisando discursivamente as ideologias por eles veiculadas por meio de seus discursos propagandísticos circulantes nas mídias digitais. Meu objetivo é que possamos contribuir com reflexões a respeito do sistema educacional brasileiro, afinal de contas, como encarar *ciência e educação* na contemporaneidade no que diz respeito às práticas escolares? Como a escola brasileira vem encarando a ideia de *conflito*, o *dever* em seus discursos oficiais? No meio das instabilidades contemporâneas, como a análise discursiva pode nos ajudar a entender *pontos de vista* sobre a perda de âncoras formais? O que entendemos como *violência escolar*?

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Cursinhos Populares; Educação Popular; Práticas pedagógicas; Violência escolar.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Araraquara. Orientado pela Professora Doutora Marina Célia Mendonça. Bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação da faculdade citada.

**ABSTRACT:** This article uses as a starting point a discussion of the contributions made by Discourse Analysis to the thought about Popular Preparatory Courses (PPCs), with special focus on subjects such as *ideology*, *pedagogical practices* and *school violence*. I use the concept of discourse to analyze media propagandas of PPCs in Araraquara-SP (Brazil) that are in social circulation nowadays.

**Keywords:** Discourse Analysis; Popular Preparatory Courses; Pedagogical Practices; Ideology; School Violence.

**Partida:** Existem fórmulas para o sucesso escolar? O que significa estudar? O que significa para uma sociedade letrada no Brasil uma vaga no ensino superior? Faculdade pública ou privada? O que é um ensino de garantia profissional?

Não daríamos conta em pouco espaço que temos para trazer à tona inúmeros estudos e reflexões a respeito destes questionamentos acima expostos. Meu objetivo aqui é analisar discursivamente propagandas que cursinhos pré-vestibulares da cidade paulista de Araraquara têm exposto na circulação de prestação de serviços direcionados a pessoas que pretendem ingressar no ensino superior brasileiro. Como se dão as relações ideológicas do que é aprender nos anúncios destes espaços de Educação?

As práticas de processos formais direcionados à escola – os tais métodos escolares – provêm de uma carga histórica de circulação de ideologias e de ações específicas na cultura ocidental que vivemos. Estes processos delineiam uma precaução com a ideia de futuro (um idealismo que recobre a nomenclatura *formação*); um projeto de sobrevivência passadística neste futuro almejado (uma herança cultural adquirida); e uma concepção de aquisição educacional dos sujeitos por meio de propostas que tomam uma instrumentalidade do passado como vanguarda das construções de um futuro que, dependendo do ponto de vista, se assenta na reprodutibilidade do *modo de ser* do passado.

As práticas escolares em circulação delineiam formas da heterogeneidade e da complexidade dos processos discursivos que a ideia de *alteridade nos coloca*.

Reconhecer a alteridade é condição para reconstruir os sentidos de viver, compartilhando as responsabilidades de nossas respostas ao nosso pertencimento ao humano em processo constante de se fazer. A linguagem é uma atividade constitutiva das consciências humanas e a certeza de que os sistemas linguísticos nunca estão prontos e acabados, mas se vão construindo na história, deve nos levar a retomar sistematicamente as enunciações, buscando detectar nelas mesmas os elementos indicadores de caminhos a percorrer (GERALDI, 2010). Sendo assim, dialogar os posicionamentos de cada sujeito (único, singular, sócio-histórico, permeado pelos dizeres e fazeres dos outros sujeitos) marca as relações estabelecidas entre as ideologias em circulação buscando o encontro e/ou o desencontro com o outro e compartilhando experiências, reflexões e valores que se alteram mutuamente numa determinada esfera de atividades, no nosso caso, as relações ideológicas na esfera de circulações ideológicas ligada ao discurso escolar institucionalizado.

A ideologia é o material social particular dos signos, e os signos por sua vez, só podem aparecer num terreno interindividual, eles devem estar socialmente ligados, e pertencentes a um mesmo grupo. Dessa maneira, Bakhtin (1981) aponta que a consciência individual deve ser explicada a partir de um meio ideológico e não o contrário. A consciência é uma realização sócio-ideológica, que foi transformada em depósito de problemas não resolvidos. Portanto, o idealismo e o psicologismo, ao colocarem o estudo da ideologia na consciência, afirmam que esta é um fato de consciência, e que o fato da exteriorização do signo é somente um revestimento do efeito anterior – a compreensão. Bakhtin (1981) afirma que tanto o idealismo quanto o psicologismo apagam a noção que a compreensão se manifesta a partir de um material semiótico, e que todo material semiótico é social. A ideologia não pode derivar da consciência, e esta última, só adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado, ou seja, numa relação social.

Partir da Análise Dialógica do Discurso para uma análise de atividades educacionais será uma abordagem significativa no que diz respeito às articulações de vozes que os diferentes lugares sócio-ideológicos destes cursinhos pré-vestibulares estão promovendo. Podemos promover, assim, um espaço que dialoga questões do Ensino e da Educação escolar, principalmente no âmbito discursivo do

cenário brasileiro. Diante desse trabalho linguístico-discursivo entremeado à área da Educação expõe-nos Anjos-Santos, Lanferdini e Cristovão (2008, p. 378)<sup>2</sup>:

Dessa forma, como aponta Machado (2009), os linguistas aplicados com foco em atividades educacionais deveriam analisar criticamente os conteúdos/conhecimentos científicos selecionados como núcleo a ser ensinado numa determinada sociedade, assim como fazer emergir interpretações ocultadas em função do processo de transposição didática. Na percepção da autora, tal análise poderia elucidar as marcas linguístico-discursivas que dão um tom de neutralidade aos documentos de orientação educacional e as ideologias a eles subjacentes.

Segundo parâmetros educacionais oficiais – BRASIL, PCN (1999) –, a *escola* prioriza ser vista como um espaço de práticas reflexivas entre sujeitos, em constante construção no mundo. Ela tem promovido isto?

De que maneira esta formação pode se realizar? Considerando-se a complexidade dos processos relacionais, por efeito da cognição humana, os sujeitos são mais ou menos indivíduos. Esta ideia de *único* se dá numa esfera material, de cada organismo humano ser *um*, e não um *outro*, visto que quem é *um* e quem é o *outro* se baseia na relatividade do processo de enunciação linguística. A ideia bakhtiniana de o ser humano ser cingindo com os aprendizados do/com o outro mostra-nos que o tal indivíduo não é senão, também, formas relacionais dos outros que se dão em *um*. É esse sistema radicular-pivotante, paradoxo, complexificado que a educação escolar tem em mãos para lidar.

Desse ponto de vista, a análise de discurso busca compreender pela materialidade dos enunciados a singularidade de suas situações, as condições de sua existência, sua correlação com outros enunciados, ou seja, pergunta-se qual é a natureza da singularidade de um acontecimento, que vem à tona em um momento histórico particular.

---

<sup>2</sup> *Dos saberes para ensinar aos saberes didatizados: uma análise da concepção de sequência didática segundo o ISD e sua reconcepção na revista "Nova Escola"*. Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/1102/110208.pdf>. Acesso em 05/09/2012>.

Há dispersões e regularidades perante o “novo”, o ressignificado, o acontecimento. Faremos a descrição/análise das conexões, dos jogos de força, das estratégias discursivas que materializam, num dado momento histórico, os efeitos de sentido que circulam no espaço social.

Esses entendimentos, que são sustentados pelo descontínuo e pela multiplicidade, acarretam mudanças metodológicas, pois o acontecimento discursivo deve ser analisado a partir de um conjunto heterogêneo de relações entre a memória e o esquecimento. Assim, buscando as articulações entre a materialidade e a historicidade dos enunciados, em vez de sujeitos fundadores e de regularidades absolutas, buscam-se *efeitos discursivos* (GREGOLIN, 2006).

## **PARADOXOS EDUCACIONAIS: INTERVALOS DE DÚVIDA**

O ato de refletir numa tarefa crítica do pensamento é contrário ao movimento de síntese. É uma espreita, numa atitude de um caçador de caminhos; é resultado de embates dos arranjos e rearranjos de estabilidades e instabilidades. Assim, as condições de enfrentar o sofrimento, o desequilíbrio, o caos é o potencial *modus operandi* de se pertencer ou não aos discursos em circulação.

Por que focar na escola? A escola é a instituição na qual se delega o poder da formação dos sujeitos em nosso universo cultural letrado. Os discursos ali circulados mobilizam tramas avaliativas, ou melhor, refletem como as ideologias estão sendo materializadas nas ações de cada sujeito envolvido, projetando modos de se entender a vida, modos de entender relacionamentos subjetivos e intersubjetivos, de confrontar moral e ética. Investigar dialeticamente os discursos escolares, em primeira instância, é lidar com uma genealogia de formações dos sujeitos e reverberações do que se espera da vida em sociedade.

A constatação de que o ensino escolar não está suprimindo os requisitos da sociedade atual, precisando, assim, de reformulações e mudanças, fez com que Isabel Alarcão (2001) e seus colaboradores lançassem uma planificação de uma *escola reflexiva*, em analogia ao que Nóvoa (1995) e Schön (1998) chamaram de *professor reflexivo*.

Esta concepção educacional considera a escola um organismo em vida, em desenvolvimentos nas atuações de suas práticas, norteadas pelo fim de educar.

Tomo como processo dialético trazer alguns pontos que ajudem a discutir a constituição de um modelo escolar vigente na contemporaneidade brasileira.

A escola, como instituição, reverbera, além de inúmeros outros discursos, questões que fundamentaram uma constituição de sociedade.

Os desafios da escola não se constituem apenas neste espaço social, porém trilharei a minhas reflexões no entorno de modelos escolares vinculados a ela.

Quero focar nas práticas constituintes do modelo escolar contemporâneo brasileiro e pensarei, para tal caminho, que as práticas dos sujeitos aprendentes têm força expressiva maior que uma simples noção pessoa-aluno fora da escola, ou seja, os discursos da vida, da vivência, das instabilidades, das escolhas colocam o amorfismo modelar que as escolas apregoam numa espécie de mundo separado, num discurso clivado onde as moralidades regadamente sucumbidas pelo excedente de visão capitalista são chãs e necessariamente precisam ser vencidas: o mundo da vida/arte não é o mundo da escola!

## **OS CURSINHOS NO BRASIL: UMA HISTÓRIA DOS RUMOS EDUCACIONAIS**

A história dos cursinhos pré-vestibulares possui um vínculo necessário com a história dos processos escolares no Brasil.

O curso pré-vestibular é popular e amplamente denominado como “cursinho” e se configura numa estrutura de curso rápido, focado na proximidade de um sujeito prestar algum exame vestibular ou outro processo seletivo. A prestação de informatividade e preparação para os vestibulares/concursos é o eixo constitutivo destas instituições paralelas ao ensino da Escola Básica. Tais cursos são um fenômeno brasileiro da década de 1950, quando a demanda pelas vagas nas universidades brasileiras aumentou. Eram famosos pelo uso de técnicas de memorização, geralmente à base de músicas e rimas, características estas que tornaram estereótipos e se aplicam comumente entre alguns docentes.

Podemos constatar que no período dos últimos anos houve, na comunidade brasileira, uma intensificação da demanda pelo ensino superior (E.S.) entre os

jovens de baixa renda, transformação social que não se isenta de contradições, já que as políticas de expansão perante a privatização do E.S. brasileiro não oportunizaram o ingresso dos concluintes do Ensino Médio que se vinculam ao ensino público. É na década de 1960 à 1970 que, segundo os dados de SAMPAIO (2010, p.57), chegamos a confrontar uma oposição relacionada às matrículas de estudantes no ES num registro em que o crescimento na casa dos 260% ocorria nas instituições do setor público enquanto o setor privado tocava o número de mais de 500%.

Na década seguinte, de 1970 a 1980, o crescimento do setor privado logrou 311,9% e o do setor público de 143,6%” (SAMPAIO, 2000, p. 57). A universidade pública se estendeu, porém, com ênfase a partir dos anos 70 do século XX, “as políticas mercantilistas do ensino superior fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e 70% do total de matrículas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS, 2003, p. 8-19)” (ZAGO, 2008, p.150)<sup>3</sup>. Dados como estes reforçam a expansão do ES no Brasil delineando um cenário tradicionalista-tradicional em sua base, legitimando o caráter elitista que se encrusta neste nível institucional de ensino.

Com a necessidade da ampliação da ‘mão de obra’ condicionada pela Revolução Industrial Tardia<sup>4</sup> no Brasil, década de 70 do século XX, houve um *boom* no aparecimento de escolas pelo território brasileiro. Era necessário ter lugares de formação para que cada indivíduo soubesse minimamente ler, escrever e operar raciocínios para esta nova demanda nacional em surgimento. Nasce então a chamada escola de massa, em que temos o lema governamental “A escola agora é para todos”. Temos aqui uma matriz fundante de um modelo educacional: a escola como reflexo da indústria. Este será um modelo para as constituições das práticas escolares. O que há aqui é tanto um entendimento estrutural escolar ao ambiente da fábrica quanto uma prática de ações de formação entendidas como uma montagem linear fordista, delegando à escola propriedades como montar *séries*

---

<sup>3</sup> Nadir Zago (2008) produz um artigo demarcando criticamente em suas reflexões o aspecto mobilizante dos cursos “alternativos” para com a democratização do ensino no país e para com as redes de relações sociais Ensino Básico – movimentos sociais educacionais – Ensino Superior.

<sup>4</sup> Tardia em relação aos outros países. Cabe-se uma crítica aqui à questão de incorporação de tecnologias desgastadas ou ultrapassadas das potências econômicas.

escolares de pessoas – temos 1ª série, 2ª série, que agora, recentemente, substituiu-se este termo por *ano*, assim temos 2º ano, 3º ano, porém numa mesma configuração estrutural de se entender o processo escolar; de compartimentar as temáticas envolvidas numa fragmentação do processo, pois temos pessoas especializadas em resolver questões referentes à Matemática, à Biologia, à Língua Portuguesa mostrando uma separabilidade do processo formativo; de linearizar o ensino como passo a passo, configurando um cenário de aprendizagem não sistemático, não relacional, não interdisciplinar em si, como base geradora; de *produzir* alunos em larga escala e em curto espaço de tempo, objetivando um foco na abordagem quantitativa de seus formandos; de padronizar um aluno e um conteúdo ideais como referência a ser seguida/adotada, ou seja, há uma reprodutibilidade tecnicista; sem falar, mas já comentando, a questão do sinal sonoro presente como indicador de limite de tempo: o sinal sonoro estabelece a demanda temporal de atuações que uma *esteira* tem para produzir. A escola aqui configurada traz paralelos a uma linha de montagem que, ao final de um processo, produz um material objetificado; temos, assim, uma clara objetificação dos sujeitos nesta linha de montagem institucionalizada.

## ANÁLISES

Como trabalho analítico propomos aqui um tomar um grupo de Cursinhos pré-vestibulares da cidade de Araraquara-SP. Os cursinhos escolhidos correspondem àqueles que se dispuseram na contribuição de dados para pesquisa. Sobre este nosso corpus temos que dentre os oito cursinhos investigados, **5** (*Interativo, Maquifísica, Anglo, Objetivo e Prepara*) se filiam a grupos particulares, sendo 3 destes cursinhos oferecidos por redes de escolas particulares (*Interativo, Anglo e Objetivo*); **2** se nomeiam como “Cursinho popular”, ligado ao serviço de extensão da faculdade pública e/ou como “Cursinho comunitário” para classes sócias ou grupos “étnicos desfavorecidos escolarmente” – *CUCA* e *Centro Afro*; e **1** se encontra numa política mista – *Espaço Reflexão* – (discutiremos mais sobre isto). Ao final deste trabalho se encontram os anexos. Existem alguns outros cursinhos em Araraquara (como *Pitágoras, Prepara, Kumon*), porém ou não pudemos obter dados dos alunos,

ou foram lugares que não se intitularam como “cursinho”, e sim como “lugar de reforço escolar”.

Interpretando estes dados iniciais podemos discutir como se dão as relações entre o lugar escolar e os sujeitos ali constituídos na dinâmica das atuações. As informações já nos podem revelar que mediante a argumentação de que os “Cursinhos” são lugares para *tapar buracos* no ensino, e que o ensino em redes privadas dá conta da formação dos alunos, não há uma equivalência entre “sucesso escolar” e “boas escolas”. Podemos instigar nossa investigação perguntando-nos como são discursivizadas as ideologias promulgadas por estas instituições que ao mesmo tempo oferecem um Ensino Básico privado e Cursinhos pré-vestibulares. De que lugar social vêm os sujeitos que adentram estes cursinhos? E aos demais cursinhos?

Um levantamento de análises quantitativas feito por mim neste primeiro semestre de 2013 revelou que nestes 5 Cursinhos 65% de seus alunados pertencem às próprias instituições de ensino e os outros 35% dos entrevistados vieram de escolas públicas ou de escolas técnicas. Diferentemente dos outros 3 Cursinhos em que 94% de dos entrevistados vieram de escolas públicas ou técnicas e apenas 6% de escolas particulares.

Tragamos os tópicos discursivos que mais se sobressaem nos textos destas 5 instituições Cursinho e analisemos:

#### *Centralidade e revolucionarismo nas práticas*

Todos os Cursinhos analisados aqui trazem uma nomeação de trabalho diferenciado. Encontramos léxicos e usos como: “revolucionando o ensino de Araraquara”; “[o cursinho te] ingressa no terceiro milênio com escolas parceiras em todo o país”; “[com] uma visão voltada para o futuro e buscando constantemente a qualidade em seus serviços, o curso Pré Vestibular ANGLO se diferencia por tratar seus educandos de forma humana, acima de tudo”; “sonhos possíveis realizados com sucesso”. Em relação aos 3 Cursinhos, nestes lugares toda noção marqueteira é estabelecida em moldes de chamamento de participação: “Nosso Espaço está

oferecendo”; “Estamos desenvolvendo projetos”; “Estamos propondo”; “Estamos realizando”.

### *Argumentação baseada no exemplo modelar*

Uma das formas mais recorrentes é o modelo de sucesso. Para legitimar seus trabalhos, estes Cursinhos particulares registram em seus sites casos de alunos que estudaram no modelo implantado em cada lugar.

### *Educação Bancária*

As políticas educacionais ficadas no neoliberalismo tomam como padrão parâmetros de conteúdos a serem ensinados e avaliados posteriormente em testes locais e internacionais, constituindo uma espécie de “educação bancária” – como Paulo Freire (1975) já havia exposto – que produz resultados de hierarquização de instituições de ensino, apontando quais redes (cor)respondem ao ‘mercado consumidor’. Quanto mais conteúdo, melhor. Saber é conter.

Desta ideologia podemos discutir a respeito da conceituação de acabamento para o círculo bakhtiniano. A proposta que há uma teleologia a ser cumprida, destinada dispõe no horizonte de entendimentos um mundo fortificado na estratificação, na estabilidade plena dos sentidos. Assim, referência e significado são taxados na perspectiva objetivista de mundo na qual todo ente se refere a algo externo já delimitado, cabendo à língua mediar este processo. Tomar a educação como depósito de conteúdo é, desta forma, limitar os sujeitos a apenas receptáculos de fontes, desigualitando e não os inserindo como sujeitos responsivos e responsáveis dos atos dinâmicos e complexos dos discursos.

Para o círculo, o acabamento é sempre provisório. Para uma educação bancária, a necessidade de feitura de um texto ou de uma prática escolar é resultado da cópia e da repetição de modelos legitimados por um grupo.

### *Campos semânticos fantasiosos e armamentistas*

Analisando estes Cursinhos percebemos léxicos como “superpoderes”, “time poderoso”, “heróis”. As imagens dos sites também nos revelam relações associadas ao contexto bélico: escalação de professores; lutas em ringues; bombas, ser deixado pra trás na luta.

Refletem-se aqui os discursos embasados nas lutas sociais revestidos, agora, numa quintessência de discurso escolar, reafirmando um discurso meritocrata. *Ficar para trás* revela a ideologia neoliberal instaurada no ambiente escolar, capaz de separar, pautada numa constante série de provas, as pessoas – massa contínua, homogênea – em *winner*s e *loser*s, em merecedores ou não do sucesso de cada um. Sucesso aqui é simples: meritocracia capitalista: tem dinheiro aquele que se esforça, aquele que produz, produz e produz; aquele que é empreendedor, que acumula informações.

Numa noção exotópica, de entendimento que é/seja/se pareça/se analise do(s) outro(s), podemos notar uma construção genérica calcada numa arquitetura de *campanha propagandística* na qual os professores compõem um quadro de super-heróis, de dominadores, de uma confiança como estabilidade: o porto seguro.

Sobre estas características desenvolvidas é importante ressaltar que elas constituem um processo de legitimação social e de legalização política de monopólios de práticas intelectuais, racionais e técnicas, por parte de certos grupos corporativos, para o que é de fundamental importância a consideração dos processos que ideológicos em que há lutas pelo controle de um corpo de conhecimentos e de suas aplicações ou pela propriedade de certos problemas (pela autoridade para definir sua natureza e formular teorias sobre os mesmos) e pela responsabilidade de sua solução. Tal luta pela hegemonia numa área de conhecimento e atuação pode gerar competições interprofissionais, disputas e conflitos entre grupos que tentam impor os seus modelos, os seus padrões, os seus valores contra os demais, com o objetivo de obter reconhecimento social e poder político.

Analisando os discursos dos outros Cursinhos é possível pontuar algumas reflexões dialógicas:

*Não é a escola quem pratica algo sozinha, é um todo que se interdialoga*

O posicionamento dos três Cursinhos se pauta na negação do estabelecido ideológico dos 5 cursinhos anteriores. Os dizeres destes se encontram em embate discursivo mediante as discussões sobre motivos para se fazer a prova pré-vestibular. Ponto central para esta nossa reflexão, este nosso sistema escolar produz suas práticas escolares baseadas num modelo *up-down*, fazendo que as Universidades ditem os tópicos de ensino. Mais perigosos para as ações crítico-escolares são as estratificações, uma espécie de estruturamento com redomas, na qual fazem os Cursinhos de cunho taxativamente neoliberal enquadrarem seus estudantes, propondo modelos/fórmulas/macetes como procedimentos centrais para os estudantes.

Mendonça (2001), em artigo "*Língua e Ensino: políticas de fechamento*", aborda sobre o modo como as políticas de fechamento vão de encontro à noção de heterogeneidade e de imprevisibilidade do discurso, uma vez que estas, segundo a analista, se convergem em três mecanismos de controles de base foucaultiana: a disciplinarização, o sistema de apropriação de conhecimento e a sociedade do discurso. O estudo dela mostra que as políticas de fechamento promovem um silenciamento das inúmeras possibilidades de sentidos de textos, uma estereotipação classificatória dos gêneros discursivos e um apagamento das variedades linguísticas não privilegiadas. Podemos dialogar com a pesquisadora que aquilo que no ensino se tomava como lugar fluido dialógico do campo científico, tendo no processo de contrapalavra um projeto de dizer, é ressignificado como estruturação padronizada a ser compreendida como reprodução, dando um fechamento à propriedade responsiva e, por que não, responsável dos discursos. Assim, o enrijecimento conceitual operaria como política fundante das práticas discursivas nestas instituições. Há que ressaltar o que estamos propondo neste espaço de reflexão é analisar as propagandas originadas destes lugares. A análise das práticas do momento aula não contempla amplamente este nosso olhar. É

necessário aprofundar neste aspecto, mas sempre retomando, também, esta análise do lugar ideológico na qual somos perpassados.

#### *Centramento no coletivo ou na relação eu/outro*

Não há um espaço bem delimitado nos discursos destes Cursinhos. 2 deles centralizam um coletivo, uma massa maior, na qual não conseguimos discretizar os sujeitos. Não há senão um todo que fica numa cooperatividade.

Esta massificação reflete um outro extremo de um embate: enquanto os 5 primeiros cursinho relatados se posicionam num discurso de exaltação do(s) eu(s), estes outros 2 polarizam em outro canto esférico. Uns no polo da individualidade e outros no polo da coletividade. Decerto é que são nestes extremos que o lugar comum se localiza.

Tomando uma dinamicidade deste jogo de extremos, apenas 1 cursinho – o de política mista – sai desta polarização, colocando em xeque os saberes escolares, políticos, filosóficos, sociais que os sujeitos operam nas suas ações. É de profunda dialética que a discussão se engendra. O ponto de partida são os questionamentos. A política de fechamento é rechaçada em seus posicionamentos, além de formarem um *ethos* político bastante contundente ao partidarismo oficial do governo capitalista brasileiro.

#### *Léxico de inscrições*

Enquanto temos a entrada de “Matrículas abertas” nos 5 Cursinhos, a forma linguística usada nos outros 3 Cursinhos tem como central o termo *inscrições*: *inscrições abertas, períodos de inscrições, Inscreva-se*.

Num horizonte de interpretações podemos investir de significados esta relação no sentido de contrapor burocracia versus abertura em que o sentido de *matricular-se* envolva todo um procedimento institucional de registro, numa matriz de fases progressivas, e *inscrever-se* constituindo uma participação não barrada, direta. Mais uma vez o aspecto de políticas neoliberais perpassa a voz destes lugares ideológicos.

## CONCLUSÕES DAS ANÁLISES

As práticas escolares revelam nestes percursos as ideologias excludentes que ocorrem na esfera social política brasileira. Podemos nos referir àquilo que Foucault em seu **A ordem do discurso** delegou como um mecanismo de exclusão dos discursos pela vontade de verdade. O “pirotécnico” nos coloca:

Ora esta vontade de verdade, tal como os outros sistemas de exclusão, apoia-se numa base institucional: ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, claro, o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas é também reconduzida, e de um modo mais profundo sem dúvida, pela maneira como o saber é disposto numa sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certa forma, atribuído. (FOUCAULT, 2002[1970/71], p.4)

Contemplamos nesta pesquisa a argumentação do ponto de vista sobre a não separabilidade ou sobre a harmonia entre as práticas escolares e os valores da sociedade.

Verificamos neste horizonte de diálogos a íntima influência nos Cursinhos de Araraquara bases de confrontos: de um lado um **neoliberalismo** e de outro uma crítica social baseada numa **visão marxista de luta de classes**. É necessária uma apuração destes posicionamentos analisando com mais fôlego outras práticas escolares a fim de verificar, como já adiantamos aqui superficialmente, um paradoxo entre *neoliberalismo autoritário* e *marxismo populista*, cotejando estes dois polos uma discussão sobre gênese da violência nas práticas de exclusão escolar por meio desta polarização. Nos nossos dados, apenas 1 Cursinho sai destes polos. Isto nos faz perguntar: qual é o papel/função da escola nas diversas formas de ser na sociedade brasileira contemporânea? Como refletir ensino e profissão? Como analisar formação contínua? Estas são perguntas que do ponto de vista político-educacional não merecem sair do centro de discussões, pois realizam a legitimação ou não das argumentações sobre os discursos escolares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

FOUCAULT, M. **L'Ordre du discours**, Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do António Bento, 2002.

Disponível em:

<[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0C DUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.portalentretextos.com.br%2Flivros-online-dw.html%3Fid%3D69&ei=ugVxUrSGAtCFkQe9-oCADQ&usq=AFQjCNGINpr9IMoapKJnHU4EKINb\\_mJRmg&sig2=DiM8pP3YAJqfyDXS37y1rg&bvm=bv.55617003,d.eW0](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0C DUQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.portalentretextos.com.br%2Flivros-online-dw.html%3Fid%3D69&ei=ugVxUrSGAtCFkQe9-oCADQ&usq=AFQjCNGINpr9IMoapKJnHU4EKINb_mJRmg&sig2=DiM8pP3YAJqfyDXS37y1rg&bvm=bv.55617003,d.eW0)>. Acesso em 30 de outubro de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GREGOLIN, M. R. V. In.: NAVARRO, P. (org). **Estudos do texto e do discurso**. Mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 19-34.

MACHADO, A. R. Colaboração e crítica: possíveis ações do linguista na atividade educacional. In: ABREU-TARDELLI, L.S; CRISTOVÃO, V.L.L. (Orgs.). **Linguagem e educação**: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 43-70.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001, p 250-262.

NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

SAMPAIO, Helena. Ensino superior no Brasil: o setor privado. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2000.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, 149-174, jan./jun. 2008.

## ANEXOS

**Todos os anexos ligados aos links da internet, a seguir, foram consultados no dia 13/10/2013.**

### Interativo:

<http://www.interativo.com.br/home/>

### Maquifísica

"Hoje, início 2013 comemorando uma aprovação em medicina, direto do 3º colegial, na USP de Ribeirão. Um sonho que só foi possível com essa turma aí. Aquilo que seria apenas um curso de apoio se tornou uma casa para mim"- GIOVANI ZACHARIAS ROSA

Disponível em: <<http://www.maquifisica.com.br/>>.

### Anglo

APRESENTAÇÃO CURSO PRÉ-VESTIBULAR:

**“QUEM SABE FAZ A HORA”. MAS, QUEM SABE MESMO, FAZ ANGLO!**

#### Um pouco de história...

“ As sementes do Anglo foram lançadas ainda no século 19, quando, em 1894, o educador português Antônio Guerreiro chegou ao Brasil e fundou, na cidade de São Paulo, o Ginásio Professor Guerreiro - por ele renomeado, depois da Primeira Guerra Mundial, Ginásio Anglo-Latino, em homenagem aos aliados.

No final dos anos 30, com o falecimento do Prof. Guerreiro, os herdeiros venderam as instalações para Leo, Celestino e outros professores, que expandiram o ginásio e abriram o Colégio Anglo-Latino. Na década seguinte, o Anglo-Latino firmou-se como o melhor colégio particular de São Paulo e o melhor curso preparatório para Exatas.

Sob o comando de Simão, Gabriades e Bloch, o Anglo criou os primeiros fascículos teóricos, os primeiros simulados e o "O Anglo Resolve", publicação com resoluções e comentários das questões dos principais vestibulares.

Na década de 70, sob a coordenação pedagógica de Nicolau Marmo, houve inovações importantes: o Anglo criou a apostila-caderno, que viria revolucionar o setor de material didático; ampliou a sua

atuação, antes concentrada na área de Exatas, para as áreas de Biológicas e Humanas; e estendeu aos primeiros parceiros o seu sistema de ensino para vestibulares.

No início dos anos 80, o Anglo iniciou a produção de material didático destinado ao então Segundo Grau, para atender as unidades conveniadas, e inaugurou a sua segunda unidade na cidade de São Paulo, na Rua Sergipe.

O Anglo ingressa no terceiro milênio com escolas parceiras em todo o país, **associando a experiência dos brilhantes professores que por ele passaram ao talento dos seus sucessores e daqueles que estão chegando, completamente sintonizado com as novas diretrizes do MEC.**”

Disponível em: <<http://www.cursoanglo.com.br/WebStander/anglo/index.asp>>.

### **Anglo ARARAQUARA**

Há dez anos revolucionando a educação em Araraquara, o Curso Pré Vestibular ANGLO abriu caminho para o Colégio, composto por ensino infantil, fundamental e médio.

Com uma visão voltada para o futuro e buscando constantemente a qualidade em seus serviços, o curso Pré Vestibular ANGLO se diferencia por tratar seus educando de forma humana, acima de tudo.

Com um corpo docente extremamente, competente, atualizado e comprometido com nossos ideais, cada aula acaba sendo mais do que uma mera transmissão de conhecimentos técnicos. O posicionamento pontual, a análise crítica e fundamentada de cada um de nossos educadores acabam por ensinar o “questionar”, o “entender” e, conseqüentemente, o “preparar” para o mundo.

Além das matérias de base comum, o curso Pré Vestibular ANGLO oferece uma gama de aulas extras, como foco em análise de obras literárias, filosofia, sociologia, bem como o incentivo à vida cultural como um todo.

A coordenação pedagógica, sempre presente e atuante, garante o acompanhamento contínuo e a solução de dúvidas em tempo real.

Toda essa equipe, somada aos simulados constantes, só podem resultar em uma coisa: quem faz Anglo, com certeza vira “bicho”.

**BOLETOS MARATONA SIMULADO TESTE VOCACIONAL  
PRÁTICA**

<http://www.angloararaquara.com.br/araraquara/prevestibular/index.asp>

**CUCA**

Inscrições

Aprovações

CANDIDATO! – tratamento

<https://www.facebook.com/pages/CUCA-Unesp-Araraquara/217964341624671>

**OBJETIVO**

PONTUAÇÕES E DESCONTOS

<http://www.objetivoararaquara.com.br/>

-- patronismo

-- educação bancária

-- projeto de dizer/viver

**Centro Afro**

Disponível em: <<http://www.araraquara.sp.gov.br/noticia/Noticia.aspx?IDNoticia=7417>>.

**Centro Afro abre inscrições para diversos cursos  
22/03/2013**

O Centro de Referência Afro Mestre Jorge, está com inscrições para diversos cursos do projeto “Igualdade Racial é pra Valer”, desenvolvido pela Coordenadoria Executiva de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Araraquara.

Os cursos oferecidos gratuitamente são: Samba Rock (básico e intermediário), Dança de Salão, Zumba, Dança de Rua, Dança do Ventre Afro, Consciência Racial e Expressão Corporal, Traças Africanas e Penteados Étnicos, Fotografia, e Cavaquinho.

Curso de Cavaquinho

A coordenadora de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Alessandra de Cássia Laurindo, lembra que entre os objetivos do “Igualdade Racial é pra Valer” destacam-se: disseminar a cultura afro, democratizar a arte afro e seus espaços e estimular o conhecimento sobre cidadania, a fim de propiciar a inclusão social e promover a igualdade racial.

Um dos destaques oferecidos é o curso de Tranças Africanas, que tem o objetivo de ensinar os alunos a desenvolverem a técnica do entrelaçamento dos cabelos, através do método manual. “É um curso interessante e que sempre tem bastante procura. Ele ensina o básico e também o acabamento, além de trabalhar a auto-estima. É um aprendizado que oportuniza a geração de renda”, explica a coordenadora.

#### Curso Dança de Salão

Outro curso com bastante procura é o de Fotografia. Com aulas práticas e teóricas, o curso oferece aulas de história da fotografia, tipos e modelos de equipamentos, configurações, enquadramento, iluminação, tipos de fotografia, situação do mercado fotográfico, como se profissionalizar.

A Zumba, um estilo de dança coreografado, promete ser um dos cursos mais disputados no projeto “Igualdade Racial é pra Valer”. Com diversos ritmos musicados e um embalo forte, a dança vem fazendo sucesso pela alegria e também pela promessa de queimar calorias.

#### Curso Dança Ventre Afro

Os interessados nos cursos devem efetuar inscrições no próprio Centro de Referência Afro. É necessário ter idade mínima de 14 anos e apresentar RG e comprovante de endereço no ato de inscrição. Todos os cursos e oficinas oferecidos são gratuitos.

“A novidade para este ano é a abertura de duas ‘turmas Kids’, com oficinas voltadas para crianças de 07 a 11 anos: ‘Dança de Rua’, e ‘Expressão Corporal e Contação de Histórias Africanas’”, conta Alessandra, alertando que a abertura de turmas infantis atende a uma demanda solicitada pelos usuários do Centro.

Todos os cursos devem ter duração de até oito meses, e as aulas terão início no dia 08 de abril, em horários diferenciados pra cada turma. O Centro de Referência Afro Mestre Jorge está localizado na Av. Duque de Caxias, nº 660, no Centro de Araraquara. O horário de atendimento é, de segunda à sexta-feira, no horário das 9:30 às 17:30 horas. Mais informações pelos fones 3322-8316 ou 3333-2035.

## Reflexão

Disponível em: <<https://www.facebook.com/EspacoEducativoReflexao/info>>.

O Espaço Reflexão é o mais novo grupo de estudos em Araraquara. Tem como objetivo propor discussões para construções de sentidos e ressignificações.

Acompanhe nossa dinâmica...

**REFLEXÃO é ATUAÇÃO!**



## **ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS!!!**

Vocês já estão se preparando  
para o ENEM?

Numa proposta aprovada pela  
Diretoria de Ensino de Araraquara,  
estamos disponibilizando o projeto “De  
olho no ENEM”.

**Onde: Espaço Educacional Reflexão**

**Vagas: 15 alunos para cada turma**

**Tempo: 2 horas semanais presenciais  
mais 1 hora semanal à distância**

**Valor: apenas o material**

**Saiba mais:**

 Espaço Educacional Reflexão

**Rua Nove de Julho (2), 2136 – Sala 4  
3461 1400**